

Resumo: A crônica é um gênero literário que possibilita infinitas experimentações, mas que se caracteriza sobretudo pela sua brevidade, por ser um texto curto a ser publicado em diversas mídias – jornais, revistas, redes sociais digitais, newsletters e outras. Além disso, flerta com o cotidiano e o relato dele. O que não significa se tratar de um gênero não ficcional, apesar de colocar em questionamento as divisas entre o real e a ficção. Pela sua possibilidade experimentadora e o seu manuseio em sala de aula como texto curto que pode ser lido e praticado durante os períodos letivos, passei a utilizar a crônica enquanto recurso para a aprendizagem da antropologia, tanto de seu aspecto conceitual, suas preocupações e pretensões científicas, quanto como instrumento para despertar na comunidade discente a criatividade e a escrita antropológica. Essa comunicação reflete esse uso junto a discentes de licenciaturas em Ciências Sociais e História (com a disciplina de Antropologia da Educação), também fazendo parte do projeto de pesquisa “Crônica antropológica e sociológica: a imaginação e o escrever nas ciências sociais”, cadastrado na Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação – PROP da Universidade Estadual do Piauí – UESPI. A pesquisa dialoga com a argumentação de Tim Ingold de que a antropologia pode ser pensada como educação, ao mesmo tempo que se aproxima do amadurecimento da antropologia da educação no Brasil, com a proliferação de grupos de pesquisa e trabalho, relatos de ensino, desenvolvimentos de trilhas de aprendizagem e outros procedimentos. Juntando a literatura especializada com a prática do projeto, propomos que Conceição Evaristo, com a sua elaboração da escrevivência, Pedro Demo com a tentativa de instigar discentes enquanto pessoas autoras, bell hooks com a quebra da frieza da sala de aula para a construção de uma educação transgressora, além de Wright Mills com o artesanato intelectual e a imaginação sociológica, estão trazendo resultados para o ensino e a prática da antropologia, que se ainda não é possível palpar em sua totalidade, já nos instiga a continuar na proposta de uma educação que instigue mais a criação do que a reprodução e a colonização de nossas sensibilidades. Parte considerável de discentes das licenciaturas em foco é de pessoas atravessadas por marcadores sociais que, pela colonialidade ainda dominante e editorial, podem ser colocadas em um lugar de não-autoria: de suas vidas, de seus textos. Dessa forma, essa comunicação vai apresentar os desdobramentos do projeto que tenta instigar a multiplicidade autorial, focado nas disciplinas ministradas na UESPI e em uma oficina de crônica antropológica realizada na mesma instituição, dentro da programação do III Seminário Didático Pedagógico do Centro de Ciências Humanas e Letras.

Palavras-chave: Escrita; Ensino; Antropologia.

Esse ensaio é um exercício de imaginação antropológica. Por apresentar diversas atividades e experimentações junto a disciplinas de licenciaturas na Universidade

¹ Trabalho apresentado na 34ª Reunião Brasileira de Antropologia (Ano: 2024)

² Doutor em Antropologia Social (UFRGS). Professor assistente na Universidade Estadual do Piauí (UESPI). E-mail: hermesociais@gmail.com.

Estadual do Piauí – doravante UESPI, relacionadas ao projeto de pesquisa “Crônica antropológica e sociológica: a imaginação e o escrever nas ciências sociais”, cadastrado na Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação da referida instituição, o texto não será dividido em sessões, sendo apresentado em uma sequência narrativa e orgânica. Começarei descrevendo o contexto de elaboração da crônica como recurso para o ensino e a escrita em antropologia. Esse texto faz parte de um projeto mais amplo, focado nas ciências sociais, sobretudo a sociologia e a antropologia vivenciada por mim como professor substituto nos cursos de graduação da UESPI, junto com a comunidade discente. Com o andar da descrição, o projeto e as experimentações serão expostos e pensados.

De uma maneira bem óbvia, quando ministrei disciplinas no campo da sociologia, denominei o recurso de *crônica sociológica*, enquanto na antropologia, *crônica antropológica*. O nível de diferenciação disciplinar e metodológica para ambas as estratégias é praticamente nulo. No geral, lecionei sociologia como um antropólogo, evidenciando as diferenças formativas desses campos, mas sempre reforçando a sua matriz compartilhada no campo das ciências sociais.

Passei a formular e a experimentar a crônica como recurso durante o período acadêmico de 2022.1, que no calendário secular, aconteceu de outubro de 2022 a fevereiro de 2023, quando fiquei responsável pelas disciplinas de Sociologia I, Fundamentação antropológica da educação e Sociologia da Educação, nas respectivas licenciaturas: Ciências Sociais, História e Geografia. Nesse texto, vou me ater mais ao feito em Sociologia I, apesar de que citarei também as atividades desenvolvidas nas demais disciplinas.

Foi na UESPI que comecei efetivamente a minha carreira como professor. Antes disso, o que poderia ser considerado como experiência docente eram as monitorias na graduação e pós-graduação. Ou seja, algo basilar mas que precisava de aprofundamento prático. Foi no chão da sala de aula que os desafios surgiram, afinal. Comecei a lecionar dentro de um contexto de precariedade institucional, salarial e, de uma perspectiva mais ampla, estávamos retornando às atividades presenciais com o avançar da vacinação contra a covid-19 (iniciei o meu contrato com a UESPI em novembro de 2021).

A comunidade discente estava imersa em muitas dúvidas, expectativas e anseios. Algo que não é reversado apenas a essa geração, mas que a marca de uma maneira bem

específica. Portanto, umas das minhas principais preocupações enquanto docente era saber como eu poderia engajar essa comunidade. Como despertar o interesse pelas ciências sociais, a reflexão, imaginação, escrita e, o principal, como fazer com que discentes acreditassem que eram produtores de seus próprios campos de atuação? Na disciplina de Sociologia I, por ser destinada a futuros profissionais das ciências sociais, adensei a reflexão sobre o nosso campo, além de apresentar as diferenças básicas entre sociologia e antropologia, algo que considerei inevitável por conta de minha formação. A sociologia esteve presente, obviamente, em minha graduação em Ciências Sociais, a nível de bacharelado, e depois retornou quando fiz uma formação pedagógica em Sociologia, com o objetivo de ampliar minhas possibilidades em concursos públicos na área das ciências sociais. Mas foi mesmo com a UESPI que retomei, profissionalmente, para a sociologia.

Portanto, em Sociologia I segui a ementa da disciplina deliberada pelo colegiado do curso de Ciências Sociais, na qual são apresentadas as diretrizes básicas da sociologia de Marx, Durkheim e Weber. Para não ficar restrito ao campo clássico da teoria social, discutimos efetivamente as razões desses autores serem clássicos e como ao influenciarem o pensamento contemporâneo, nos instigam a interpretar a realidade. Tudo isso sempre nos contextualizando e localizando dentro das condições da universidade e sua comunidade discente. Buscando a *correspondência* com essa comunidade, tentei fazer um exercício de simetriação (Goldman, 2009) discente-docente, a partir da escrita. Expus alguns exemplos de crônicas, assim como um texto ou outro meu. Demonstrei que cometo eventuais erros de escrita, digitação, ortografia, concordância... E que esses problemas são resolvidos na revisão e reescrita. Além disso, reforcei que encontramos esses tipos de erros em trabalhos publicados por profissionais renomados e em grandes editoras. Portanto, erros acontecem. O que não significa que não precisemos aprimorar o ofício, nem deixar de buscar a melhor apresentação possível. Contudo, é importante saber que a busca pela perfeição, no geral, mais nos paralisa do que nos coloca em uma situação de boa escrita. Inúmeras vezes citei um texto de Karina Kuschnir publicado em seu blog sobre pessoas que precisam concluir seus doutorados. Nesse escrito, Kuschnir cita o escritor John Steinbeck para elaborar o seu pensamento: “quando não precisamos mais ser perfeitos, podemos ser bons” (Kuschnir, 2015).

Junto a isso, o esforço de simetriação na escrita perpassa todas as demais esferas de nossas vidas. Por essa razão, me coloquei como um exemplo para discentes

compreenderem que as nossas especializações não nos colocam dentro de trincheiras de atuação, mas pode apresentar desafios por conta de escolhas, preferências e caminhos trilhados. Como sabemos, a criticidade faz parte do nosso escopo. Quando estive na capa de sociólogo, expus o compromisso dessa disciplina com a “modernidade”, ao mesmo tempo em que apresentava a sua interlocução e diferenciação com a antropologia. Quando na pele de antropólogo, apontava a ligação de nossa disciplina com a colonialidade. Ao mesmo tempo que a crítica e as possíveis rupturas com esse passado-presente estavam ao alcance de suas mentes, mãos e corpo inteiro.

A nível didático, para diferenciar a crônica sociológica da crônica antropológica, e por consequência esses dois campos, trouxe a célebre caracterização de Lévi-Strauss (2008) a respeito da sociologia como a ciência do observador e a antropologia como a ciência do observado. Claro que para tornar a diferenciação mais evidente, mostrei outros exemplos. Cito uma, a anedota dos “reality shows”. A pessoa interessada em sociologia assistiria e pesquisaria determinado reality, enquanto a pessoa interessada em antropologia faria a sua inscrição e participaria de tal programa. Evidentemente que para deixar a confusão em vista, terminava essas comparações e diferenciações apresentando a crítica de Bruno Latour (2009) ao conceito de modernidade e que, na prática, essa distinção já não se pega, e que isso faz parte de modos de produção da teoria social e perspectivas inter cruzadas.

Foi também na sala de aula e escutando a comunidade discente que descobri o meu encanto pela fala e a paixão em comunicar. Minhas influências pedagógicas são todas voltadas para a escuta e *correspondência* (Ingold, 2020) para com discentes, mas é na experiência da aula em si, e todos os seres e elementos envolvidos que sabemos se aquela aula será mais expositiva, dialogada ou uma mistura disso, seja equilibrada ou não. Ora, é assim também que fazemos ciência e com a comunidade discente também aprendi que *a língua são os pés do pensamento*. E às vezes entro em uma espécie de transe e emendo diversas reflexões, mergulhado na experiência da aula, mas desejando criar uma atmosfera de entusiasmo (books, 2017). Assim, já não consigo (nem quero) separar o antropólogo do professor, o que considero necessário para o exercício de simetria proposto.

Foi dentro dessa abordagem que passei a desenvolver com a comunidade discente o projeto da crônica como recurso de ensino e escrita. Tenho interesse pela crônica como

leitor e autor. Pratico o gênero há alguns anos, então pensei, por que não juntar o prazer em ler e escrever crônica com o prazer de ensinar, aprender e escrever ciências sociais?

Voltando à experiência de Sociologia I mencionada, para articular a *simetrização* docente-discente a partir da escrita e da análise social, em paralelo com a bibliografia básica estudada, apresentei a imaginação sociológica e o artesanato intelectual (Mills, 1972) para a comunidade discente como ferramentas que ajudariam a conectar suas realidades cotidianas com as ciências sociais. Solicitei que toda a turma separasse um caderno físico ou virtual³, embora tenha enfatizado que seria melhor utilizar um físico, para enfatizar o aspecto artesanal do nosso conhecimento e para que voltassem a praticar a escrita manuscrita, ou passassem a, de fato, escreverem com as mãos (algumas pessoas são bem jovens, recém-saídas do ensino médio). Nesse caderno, sugeri que anotassem as reflexões elaboradas em sala de aula, ou até mesmo se algo dito na aula por mim ou determinado colega despertasse atenção. Também poderia utilizar o caderno para reflexões escritas sobre os textos lidos, dúvidas, inquietações, pequenos esboços e epifanias. Além disso, poderiam anotar sobre os seus cotidianos, em forma de diário. Se faltasse assunto, conseguiriam escrever sobre a jornada de casa e/ou trabalho até a universidade, sobre o convívio familiar e outras esferas de suas vidas, incluindo a apreensão de bens culturais como leituras, conteúdo audiovisual e daí por diante. E aqui, a noção de bem cultural está bem ampla, como nos demanda a antropologia, com a inclusão de vídeos assistidos em suas redes sociais digitais, memes etc.

O cotidiano, aqui, envolvia tudo que discentes estivessem dispostos a observar e a refletir a respeito. Com o passar do período letivo e suas anotações, esta era a minha esperança, seriam misturadas em seus cadernos essas opções e a vida discente estaria engajada com as ciências sociais, fazendo, assim, que a teoria estivesse viva e significada por ela.

Sugeri o caderno como recurso, e dessa vez, somente recurso, não foi um item avaliativo, para que a experiência de escrever uma crônica não fosse de supetão. Ao estarem, cada qual ao seu modo, possibilidade e tempo, escrevendo durante toda a disciplina, poderiam escrever de uma forma mais orgânica. Afinal, esse projeto da crônica como recurso de ensino e escrita de ciências sociais também parte da percepção de que o escrever, e as próprias ciências sociais, por muitas vezes são apreendidos pela comunidade discente

³ É uma pena que eu não tenha o talento para a costura de cadernos, nem tenha entrado em contato ainda com o trabalho da Ana Clara Damásio e Mariane Pisanni (2024) que colocaram turmas de graduação e pós-graduação para fazerem seus próprios cadernos de campo que foram utilizados durante o período letivo.

como algo exógeno e estranho. A minha proposta é que a escrita passe a fazer parte de suas vidas. Caso desejem não escrever, que isso seja por escolha e não desconhecimento da prática ou por acreditarem que escrever não lhes concerne. Não possuo um levantamento estatístico, mas acompanhando as turmas e os cursos de licenciatura, parte considerável da comunidade discente é constituída por pessoas atravessadas por marcadores sociais que, pela colonialidade ainda dominante e editorial, podem ser colocadas em um lugar de não-autoria: de suas vidas, de seus textos⁴, por isso a ênfase na escrita como algo que pode fazer parte da vida. Nesse sentido, a elaboração de Conceição Evaristo sobre a escrevivência se faz essencial (2008, 2017).

Nessa costura da Sociologia I, cotidiano e cursar uma disciplina nas ciências sociais se amalgamam com a experiência de escrever em um caderno como exercício de artesanato intelectual, que desembocaria na escrita de duas crônicas sociológicas, ambas utilizadas como avaliação da disciplina.

A escolha da crônica como gênero que nos impulse para o ensino e a escrita em ciências sociais, portanto, não é trivial. Por vezes, a crônica ensaia um pensamento sociológico, antropológico e político, mas por si só, ela não tem essa obrigação. Enquanto gênero a ser pensado como metodologia de escrita e ensino, é que a formulamos como sociológica e antropológica. Portanto, a crônica, desenhada como a arte da vida “ao rés do chão” (CANDIDO, 2003), pode nos fazer pensar no estilo antropológico de produzir conhecimento, em especial o etnográfico, mas também naquilo que chamamos de artesanato intelectual e imaginação sociológica. Inspirado nas contribuições de Paulo Freire (1996), Pedro Demo (1992), Wright Mills (1972), Tim Ingold (2019, 2020) e bell hooks (2017, 2022) sobre a construção de discentes autores do processo de conhecimento, e com forte relação com a perspectiva de escrevivência de Conceição Evaristo (2008, 2017), o exercício da crônica como recurso de ensino e escrita em ciências sociais busca que cada pessoa discente-pesquisadora seja estimulada a produzir seus arquivos de pesquisa de uma maneira artesanal e autoral.

⁴ Como sabemos, esses marcadores sociais podem impactar na permanência ou desistência do curso. O primeiro trabalho de conclusão de curso que orientei na UESPI foi o da formanda Mirelly Pontes. Em sua pesquisa, Mirelly refletiu sobre a relação entre os marcadores sociais da diferença e as dificuldades da permanência na licenciatura em Ciências Sociais (Pontes, 2024). Nesse sentido, a proposta de instaurar uma identidade autora é, de alguma maneira, enraizar discentes em suas trajetórias e fazê-los autores de seus projetos.

Cabe mencionar que o amparo conceitual em autoras como bell hooks e Conceição Evaristo nos possibilita, a uma só vez, instigar e desenvolver uma identidade autoral entre pesquisadoras e pesquisadores, ao mesmo tempo que instaura um senso de comunidade, também da forma como Howard Becker (2015) sugeriu quando pensou a escrita como prática social. Essa percepção não é fortuita, pois é desenvolvida entre pessoas que escrevem, tanto ficção, quanto não ficção.

De forma prática, a crônica foi avaliação na disciplina de Sociologia I de acordo com o que apresentei até aqui. Para fomentar a reflexão da turma sobre o cotidiano e incitar a imaginação sociológica, realizamos dois “campos”. O primeiro, mais imediato, mas necessário. Pedi para que a turma se dividisse em grupos de até quatro pessoas e caminhasse pelo campus universitário do Torquato Neto. A partir dessa caminhada, extraíssem alguma reflexão sociológica articulada com o que havíamos lido até então. Depois, com o uso do ônibus da universidade, visitamos a Praça dos Orixás, que fica no bairro São Joaquim em Teresina, Piauí. Nesse espaço há imagens de orixás sobre a água doce e algumas imagens referente aos caboclos, pretos-velhos e demais entidades das religiões afro-brasileiras. Levei a turma para a praça e pedi que refletissem como aquele espaço era ocupado. Com essas propostas, a comunidade discente estava bem engajada e com algumas possibilidades de tema para a escrita de suas crônicas sociológicas, que segundo a avaliação, deveriam ter o mínimo de 200 e o máximo de 800 palavras.

Pela sua brevidade, a crônica também pode ser um convite para a leitura e a escrita, embora construir textos mais curtos também possa ser desafiador, em especial para quem já está iniciado na verborragia das ciências sociais. Nesse ensaio, não apresentarei repostas e reações da comunidade discente, mas posso adiantar que a maior parte das pessoas se propuseram a observar e escrever, pensando, de alguma forma, junto com as ciências sociais. É evidente que cada qual apresentou uma performance específica, com suas dificuldades e desafios. Na disciplina Fundamentação antropológica da educação, para o curso de História, foquei em noções básicas sobre cultura, etnocentrismo, relativismo, por um lado, e como a antropologia poderia auxiliar na construção de uma educação antirracista e inclusiva. Os textos também foram surpreendentes, sendo um deles assinado pela discente Antonia Dulce dos Santos Soares. Ela escreveu a crônica antropológica “Etnografia no metrô”, instigada pelo chamado em fazer um uso cotidiano do caderno e observar o seu cotidiano. Assim, escreveu sobre a sua experiência como usuário do metrô de Teresina e imaginou Boas e Malinowski nesse coletivo. Costumo

utilizar a sua crônica como exemplo para as novas turmas que proponho a atividade. Finalizando o comentário sobre as três disciplinas, em Sociologia da Educação, no curso de Geografia, a estratégia adotada foi parecida com a de Sociologia I, que repeti o exercício da caminhada pelo campi e a visita ao espaço da Praça dos Orixás. Também foi interessante acompanhar o desabrochar nessa turma (tanto na História, quanto na Geografia, tratava-se de calouros) da reflexão sobre o cotidiano e a escrita, com a comunidade discente sendo instigada a escrever de forma autoral desde o início de suas formações.

Ainda nas atividades desenvolvidas na UESPI, ministrei uma oficina intitulada “crônica antropológica” durante o III Seminário Didático Pedagógico do Centro de Ciências Humanas e Letras. O público-alvo eram de discentes de licenciaturas. No geral, os participantes eram dos cursos de Ciências Sociais, Geografia e História. Durante essa oficina, que durou em torno de quatro horas, tentamos responder de forma satisfatória sobre o que seria a crônica, a antropologia, a etnografia e apresentamos as noções básicas sobre imaginação sociológica, artesanato intelectual, a imaginação antropológica, além de lermos alguns exemplos de crônica. No segundo momento da oficina, as pessoas participantes escreveram suas crônicas antropológicas escolhendo dentre as seguintes opções:

1. na minha aldeia (35min).

Descreva onde você mora, com quem você compartilha esse espaço, se esse lugar possui compartimentos específicos para ações específicas: banheiro, quarto, sala, cozinha, quintal. Quando terminar, situe esse lar a partir da sua vizinhança, rua, bairro, cidade.

2. exogamia (55min).

Procure uma realidade social distante de você. Por exemplo: o mundo dos ricos, das celebridades, o cotidiano de tiktokers, as sociabilidades entre esportistas de alto rendimento, a vida social de praticantes de uma religião pouco conhecida. A distância dependerá de onde parte a observação, ou seja, você. Seja criativo para buscar essa distância. Ao encontrá-la, descreva algum elemento dessa realidade. Ao terminar, tente encontrar aspectos que aproximam essa realidade da sua, ou como o descrito ajuda a compreender a sua própria vida.

3. aleatoriedade (59min).

Tente lembrar de alguma situação que obrigou você a usar as palavras “exótico” e/ou “bizarro” para classificar algum fenômeno humano. Quando o fizer, escreva sobre. Procure humanizar a situação, se preciso ridicularize elementos que você considera importante em sua vida.

Esses exercícios mobilizaram suas escritas. Se aprendi algo com a junção da escrita com a docência é que precisamos criar condições para que a imaginação seja praticada. Durante os cursos, temos que estarmos atentos para *correspondermos*, no sentido proposto por Ingold, com a turma e estabelecer atividades que despertem esse desejo pela junção da vida com a observação e a escrita. Estou devendo para as próximas apresentações desse projeto a percepção mais aprofundada da comunidade discente participante desse processo, mas encerro com uma esperança.

Uns dos desencantos que encontro como professor em uma licenciatura em ciências sociais é que nossos alunos vão desaparecendo. Muita gente entra no curso já pensando em outra carreira. O que é totalmente compreensível, mas para quem quer incendiar mais mentes para as ciências sociais, e mais ainda para a antropologia, é um processo doloroso. Entretanto, mesmo quando temos um aluno prestes a mudar de curso, sabemos que o que foi ensinado sobre etnocentrismo, animismo e observação participante não se perde totalmente. É transformado e desemboca para outros caminhos. E quando escrevo essas palavras, recordo de um aluno do curso de ciências sociais que já me revelou o desejo de mudar de área, mesmo que se forme no curso. Esse aluno me apresentou o seu caderno utilizado durante a disciplina de Antropologia I, que carecia de anotações sobre o evolucionismo cultural, mas estava eivado quando o quesito era poesia e experimentações com a poética do *slam*. Quero terminar reforçando que projetos de ensino e escrita servem para isso: nos surpreender e levar para o inesperado, um bom e potente encontro.

Referências bibliográficas

Becker, Howard. Truques da escrita: para começar e terminar teses, livros e artigos. Rio de Janeiro: Zahar, 2015.

Candido, Antonio. A vida ao rés-do-chão. In: Para gostar de ler: crônicas. Volume 5. São Paulo: Ática, 2003. pp. 89-99.

DAMÁSIO, Ana Clara; PISANI, Mariane da Silva. Pedagogias antropológicas transgressoras: (re)fazendo antropologia a partir da costura de cadernos de campo. *Ilha Revista de Antropologia*, Florianópolis, v. 26, n. 1, 2024. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/ilha/article/view/93946>. Acesso em: 16 jul. 2024.

Demo, Pedro. *Leitores para Sempre*. Porto Alegre: Mediação, 2006.

Demo, Pedro. *Pesquisa: princípio científico e educativo*. 14a ed. São Paulo: Cortez, 2011.

Evaristo, Conceição. Da construção de Becos. In: EVARISTO, Conceição. *Becos da memória*. Rio de Janeiro: Pallas, 2017.

Evaristo, Conceição. *Escrevivências da Afro-Brasildade: história e memória*. Releitura (Belo Horizonte), v. 1, p. 5-11, 2008.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

Goldman, Marcio. Histórias, devires e fetiches das religiões afro-brasileiras: ensaio de simetria antropológica. *Análise Social* 44(190): 105-137, 2009.

hooks, bell. *Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade*. São Paulo: Martins Fontes. 2ed, 2017.

hooks, bell. *Ensinando comunidade: uma pedagogia da esperança*. São Paulo: Elefante, 2021.

Ingold, Tim. *Antropologia e/como educação*. Petrópolis: Vozes, 2020.

Kuschnir, Karina. 2015. “Defesa de doutorado: dez dicas para sobreviver (e aproveitar)”, Publicado em [karinakuschnir.wordpress.com](http://wp.me/p42zgF-cG), url “<http://wp.me/p42zgF-cG>”. Acesso em [15/07/2024].

Latour, Bruno. *Jamais fomos modernos*. 2. ed. Rio de Janeiro: Editora 34. 152p, 2009.

Lévi-Strauss, Claude. *Antropologia estrutural*. São Paulo: Cosac Naify. 448p, 2008.

Mills, C. W. *A imaginação sociológica*. Rio de Janeiro: Zahar, 1972.

Pontes, Mirelly C. *Marcadores sociais da diferença e as dificuldades da permanência na graduação em ciências sociais*. Trabalho de conclusão do curso (Licenciatura Plena em Ciências Sociais da Universidade Estadual do Piauí – UESPI, Teresina-PI, 2024).